

## AS RELÍQUIAS E SEU SIGNIFICADO NA ARTE E NA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

O Românico, que se iniciará (conforme os compêndios) na entrada do segundo milênio cristão, caracteriza-se pela construção do imponente templo, a "pirâmide" cristã, mastodonte de pedra alevantado com a maior segurança possível não tanto para proteger os vivos, mas e principalmente para preservar os restos dos mortos, no caso as relíquias sagradas, a principal "fonte de renda" na época e no pedaço. Esse foi o "moto" que levou a mais prevalente atividade do Românico, a Arquitetura de igrejas (fossem elas catedrais, templos de mosteiros ou não).

Agora: foi no primeiro milênio cristão ocidental que se fundamentou o poder da Igreja Cristã (com o Papa imperando poderosamente no topo - consagrando reis, ou destituindo-os, enobrecendo-os ou excomungando-os - arroteado pelo seu séquito de bispos poderosos e ambiciosos, todos envolvidos pela sua imensa corte de padres e reunidos nos ricos mosteiros que enriqueciam cada vez mais). Pois essa riqueza resultou de uma peculiaridade da religião cristã, quasi-quê exclusiva dela: a atração e a venda das relíquias dos tidos "santos", cujas relíquias provocavam as peregrinações aos locais onde elas, as "preciosas" relíquias, eram guardadas com ciúme: as igrejas (catedrais ou não, de mosteiros ou não). Serviam para serem vistas, tocadas, beijadas, lambidas, esfregadas, dado que a visão delas, o tocá-las com as mãos ou lábios, lambê-las delicada ou esfregadamente permitia se alcançar qualquer "graça" pretendida, mormente a salvação da alma do olhador-tocador-beijador-lambedor-esfregador.

E para tanto se fazer esmolas eram deixadas (quando não exigidas) no ato, enriquecendo os cofres dos templos, que enriquecia as igrejas guardiãs das relíquias, que enriqueciam os bispos das dioceses, e que iam enriquecer o Papa no Vaticano, que assim aumentava o seu poder cada vez mais.

Verdadeiras ou falsas, as relíquias eram importante pois fundamentavam, em todos os fiéis, uma das mais sólidas crenças cristãs: por serem a expressão visível dos "santos" gozaram dos favores divinos em vida, estes, depois de mortos, pelos seus... "restos", "salvavam" os pecadores .

Estes "restos" [corporais ou objetos de uso - como um pé de Santo André (argh), um osso da perna de São Zeno (argh outra vez), os fios do cabelo de Santa Genoveva (hummm!), o cajado de São Pedro (?), ou um pedaço da corrente que o prendeu em Roma (???)], as vestes de Maria Madalena (hêin?), tinham uma "virtus" de caráter taumatúrgico incontestável. Por isso que a sua posse era tão importante. E na entrada do segundo milênio cristão, coincidindo com o início do período que se chamou de Românico, uma verdadeira febre pelas relíquias grassou. Tratados políticos eram firmados na sua presença (que passavam a ter validade quasi-quê só por isso), casamentos entre filhos de casas reais eram contratados para permitirem a troca delas (e desfeitos se o que fora trocado não tinha a valia esperada), 'té mesmo guerras foram travadas para que os vencedores as levassem como botim.

Naturalmente, as relíquias mais valiosas eram as relacionadas com Cristo; tanto é que é anedótico calcular-se o tamanho da cruz em que Ele foi crucificado (dada a enorme quantidade dos "verdadeiros fragmentos" dela existem espalhados pela cristandade e venerados até hoje); ou os mais de miles de cravos usados para pregá-Lo na cruz; ou os tantos espinhos que Lhe vararam a venerável testa, durante o martírio.

Mas na falta de "coisas" relacionadas com Cristo, satisfazia se estender a veneração a qualquer coisa relacionada com qualquer personagem outro que se admitia celestial, e que no Paraíso estava assentado ao lado do Filho.

No início do 2º milênio cristão iniciaram-se os movimentos cruzadísticos; o 4º desses movimentos, de 1204, foi referido como a Cruzada bandida, pois ao invés de seus integrantes se preocuparem em liberar a Terra Santa do Islão infiel (propósito de toda Cruzada), foi empreendido explicitamente para se saquear Constantinopla, e seu enorme acervo de relíquias que lá existia ("in tempo", em 2004, o Papa João Paulo II devolveu aos cristãos ortodoxos de Constantinopla parte do que de lá foi roubado pelos cruzados; apenas "parte" porque se muito do roubado teve destino definido, muito dispersou. E foi exatamente essa dispersão (lá no Século XIII em diante), que incrementou uma imensa inflação de "restos sagrados" por todo o ocidente; e o que tinha de "falsificado" por verdadeira indústria de "fakes" constituiu montão.

Como verdade histórica, conto que uma expedição pirata constituída por marinheiros de Bari (no Século XI) investiram sobre a cidade de Mira; a finalidade era raptarem o "verdadeiro" corpo de São Nicolau (que, "in tempo", nem santo canonizado pela Igreja era - e hoje é veneradíssimo pelos bareses que re-batizaram o Nicolau que se chama hoje São Nicolau de Bari); mais: no mesmo Século XI, o Fernando I de Castela fez acordos diplomáticos importantíssimos com o califa de Sevilha e cedeu o que pode só para obter os restos mortais de São Isidoro (hoje venerados em Leon); mais ainda: o "rei santo", o São Luis de França, pagou a fábula de 10.000 peças de ouro pela "verdadeira" coroa de espinhos, "comprada" na Terra Santa, e de quebra gastou outra fábula em ouro para construir a Sainte-Chapelle em Paris para alojá-la (junto da coroa tem ainda um punhado de cravos da cruz e uma boa lasca da própria que não sei se veio como "bônus" da coroa); mais? tem: o André II da Hungria gastou uma "nota preta" por um dos jarros que contiveram o vinho transformado de água, por Jesus nas Bodas da Canaã; mais ainda? tenho: mais de um centro de peregrinação medieval atraía fiéis porque guardavam, para veneração, penas da asa do Arcanjo Gabriel. E etcétera-e-tal.

Voltaire, no Século XVIII, escreveu uma deliciosa crônica (deliciosa e mordaz, sobre estas... "coisas"), mas desde antes dele, na época medieval, tinha quem censurasse isso, ou procurasse controlar isso. O pensador e teólogo Guiberto de Nogent escreveu um tratado ("*De pignoribus sanctorum*", do início do Século XII) em que denunciava a pouca veracidade da maioria das relíquias, e condenava o excesso de crença sobre a sua veneração. O Vaticano (apesar do lucro obtido pelas relíquias (verdadeiras ou não), preocupado, chegou a convocar um Concílio (o IV, realizado na Igreja de São João de Latrão, em Roma), para regulamentar a autenticação das relíquias.

Intimamente ligadas ao culto aos santos, e às suas relíquias, estavam as peregrinações, que se constituíram em uma das mais importantes e privilegiadas formas da piedade popular (os peregrinos saíam às relíquias em busca de cura pela intercessão dos santos relacionados a elas, ou iam agradecer uma cura alcançada, mas, e principalmente, iam atrás do perdão de pecados cometidos que levariam a penas infernais eternas; dependendo da peregrinação, conseguia-se dela o máximo: a indulgência plenária, o perdão total; no fim da peregrinação, o pecador (por piores que fossem seus pecados) voltava para casa com a alma mais purificada que a de um bebê recém-nascido. E isso sem precisar "ver" o santo, pois olhar para suas relíquias já dava.

A finalidade "expiatória" destas peregrinações foi importante durante a Alta Idade Média. A partir do Século XI, itinerários preferenciais foram estabelecidos, e... "macetes" começaram a cercar as peregrinações: nas rotas, no meio dos "peregrinadores", tinha aventureiros que iam apenas para conhecer terras distantes (iam fazer um "tour"... medieval), tinha comerciantes estabelecendo comércio vendendo comida e quinquilharias (queném ao redor da basílica de Aparecida do Norte), tinha "médicos" estabelecendo-se no caminho propondo beberragens e pomadas, tinha hoteleiros montando pousadas, tinha assaltantes tocando nas "quebradas", tinha jograis vendendo suas canções, e tinha prostitutas vendendo seus corpos.

Os peregrinos moviam-se (principalmente) pela decidida motivação religiosa da busca do perdão dos pecados pela intercessão das relíquias, perdão efetivado tão logo as mesmas estivessem ao alcance de suas mãos crençíssimas ou de seus olhos credulíssimos (tinha relíquia que estava lacrada em caixa fechada; ninguém as via, mas se acreditava que ela estava lá).

Dependendo da natureza dos pecados (qualitativa e/ou quantitativamente falando), tinham determinadas peregrinações a serem prevalentes ou escolhidas, isto é: não se peregrinava a qualquer lugar para se obter a intercessão de qualquer santo através de qualquer coisa dele que pudesse ser chamada de relíquia dele; a coisa era dirigida. Um bom exemplo disso era Vézélay, na Provença francesa, no santuário de Maria Madalena, cuja relíquia era uma "verdadeira" veste dela - e que está lá até hoje; para lá peregrinavam as prostitutas arrependidas, por razões óbvias.

E mais:

quanto mais dificultoso fosse o lugar para ir, mais eficiente era a peregrinação (por exemplo: as prostitutas parisienses, arrependidas da vida que levavam, podiam recorrer à "verdadeira" coroa de espinhos de Cristo, lá na Sainte Chapelle; limparia a barra numa "bôua", mas preferiam ir a Vézélay, primeiro porque Maria Madalena (que lá era venerada) fora... "colega", e segundo porque era mais difícil chegar lá e, portanto mais... garantido o sucesso do que se pretendia.

A Igreja se apercebeu logo do bom negócio que era esse negócio de peregrinações; resolveu regulamentá-las, estabelecendo rituais conexos: após vencer a distância, o peregrino devia primeiro confessar-se, depois cumprir a penitência imposta (freqüentemente amenizada pelo tamanho da esmola anexada), depois assistir uma missa com liturgia específica e sermão apropriado, depois comungar. E pronto! Estava limpo!!!



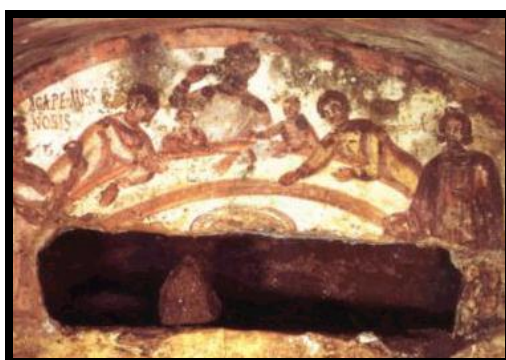
*Illuminura (Século XI) ilustrando missa aos peregrinos*

Mais: a Igreja fornecia um... "kit de peregrino", que constava de uma indumentária característica, um bastão, um alforje (que era uma... "nécessaire", com o essencial para a viagem); os peregrinos a Santiago de Compostela recebiam "um a mais": o distintivo que os distinguia: a concha de São Tiago, usada para coletar água para beber - o quê ainda hoje acontece lá (maiores e melhores detalhes são encontráveis consultando-se o eminente acadêmico Paulo Coelho).

A igreja ainda recomendava viagens em grupo, por caminhos tidos como seguros (para o quê consultava-se o "Guia do Peregrino", escrito por Amalrico Picaud em 1140, autor do primeiro "Guide Michelin" da História).

E, finalmente, a Igreja propunha-se a cuidar dos bens do peregrino enquanto estivesse "fora", na peregrinação (o que foi um excelente achado, porque muitos morriam na viagem, e os bens revertiam para ela).

Três eram os principais locais de peregrinação: Jerusalém, Santiago de Compostela e Roma (nessa ordem): Jerusalém por obviedade (Paulo escrevera que lá a "terra estava mais próxima do céu" e a conotação com o perdão era óbvia). Roma porque lá estava enterrado Pedro e porque nas muitas igrejas da cidade, e em todas elas, tinha relíquias (havia um roteiro ao peregrino "chegante", possibilitando-lhe visitar todas no menor tempo, o que existe semelhantemente ainda hoje nos folhetos de "Conheça Paris em 24 horas", ou "Conheça o Louvre em 24 minutos"). Às vezes havia muita tumulto, como a do ano de 1300, o Papa Bonifácio VIII informou que seria concedida indulgência plenária aos peregrinos que visitassem a "verdadeira" tumba de Pedro; as visitas resultaram em tremenda pauleira, pior que as das saídas de jogo de Palmeiras versus Coríntians, nos arredores do Pacaembu:



*Presumida verdadeira tumba de Pedro, em Roma*

Mas na Galícia estava o destino mais charmoso: aí, no Século IX, descobriu-se o "verdadeiro" sepulcro do apóstolo Tiago Maior (lembro que Tiago, Jacques e Jacó é tudo a mesma coisa, é tudo o mesmo apóstolo, pronunciado de modo diferente conforme a língua) e a "rota jacobéia" ficou com fama tamanha, que os franceses fizeram uma várias estradas para lá, com calçamento de pedra (ainda existentes), que os ingleses construíram um porto especial só para eles em La Coruña (que é pertico de Santiago), que os portugueses construíram uma dispendiosa ponte sobre um rio (em Tuy-Pentevedra) para facilitar a viagem para lá. Estes foram esforços frutos da fé? Uma banana! Pagava-se para andar na estrada, desembarcar no porto, ou atravessar a ponte...



*Os miles caminhos que levavam a Santiago de Compostela (que está na bola maior na esquerda). Cada bolinha é uma cidade de parada, muitas das quais criadas para alojar os peregrinos em alojamentos especiais, e que acabaram virando cidades importantes (Leon, Burgos, Palência, Pamplona etc)*

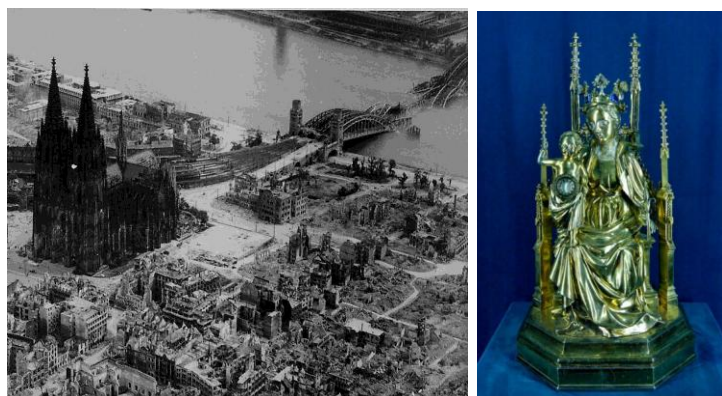
*Professor Decio Cassiani Altinari  
Coordenador de Extensão e Cultura da Diretoria e Ouvidor Geral da faculdade  
Vice-Mordomo do Museu da Santa Casa de São Paulo*

Havia outros locais importantes (mas não como esses três): na França, na cidade de Tours (no santuário de São Martinho), em Vézelay (no santuário de Maria Madalena), em Conques (no santuário de Santa Fé), e em Rocamadour, em Limoges, em Moissac, no Monte Saint Michel; na Noruega, em Nídaros (onde se venerava Olaf, o rei santo); na Inglaterra, em Canterbury (em cuja catedral venerava-se São Thomas Becket, ali assassinado); na Alemanha, em Colônia [onde estava o relicário dos restos dos três reis magos (?) o que ainda hoje é a atração maior da catedral e da cidade]. Pois nestas rotas, desde seu começo até seu final, criaram-se pousadas e mosteiros, que aglutinaram gentes, que constituíram cidades que existem até hoje; tudo porque, na ponta de lá dela tinha um "verdadeiro" dedo seco de um mártir, tinha a "verdadeira" sandália de um santo homem, tinha uma lasca da "verdadeira" cruz de Cristo, tinha um frasco com o "verdadeiro" sangue de São Genaro, ou mesmo o pé de anônimo cristão que não foi engolido pelos leões de Nero no Coliseu... "In tempo": essa história de relíquia não é exclusiva da cristandade (eu, por mim, já estive em mesquita na Tunísia, veneradíssima pelos muçulmanos, onde se guarda um fio da barba de Maomé e em mesquita em Jerusalém no lugar de onde o mesmo Maomé subiu aos céus, já estive em templo chinês onde tem uma roupa usada por Buda, já subi em montanha na Índia onde fiéis oram frente à rocha em que Shiva apoiou os pés cansados de uma longa viagem). Abrindo espaço entre multidão de crentes.

A seguir, uma galeria de relicários com... trecos; essa coisa de relicários começou com Inácio de Antioquia, bispo que em 107 foi martirizado em Roma (em perseguições de Trajano); jogaram o Inácio aos leões, que o dilaceraram; aí, alguém foi lá e pegou o pé do cujo (sei não porquê o pé fora desprezado pelas feras), e o levou para casa; logo "milagres" começaram a acontecer... A partir daí não se parou mais de se guardar pedaços de mártires...



*O pé do Santo Inácio de Antioquia; um dos cravos que pregaram Jesus na cruz; o relicário dos Reis Magos (notinha sobre esta última relíquia: se diz que a Catedral de Colônia ficou incólume ao bombardeio da aviação aliada, na 2ª Guerra Mundial, por causa dela - os reis magos desviavam as bombas? - veja-se uma foto de Colônia bombardeada a seguir)*



*Professor Decio Cassiani Altinari  
Coordenador de Extensão e Cultura da Diretoria e Ouvidor Geral da faculdade  
Vice-Mordomo do Museu da Santa Casa de São Paulo*

E ao lado da foto de Colônia arrasada tem o de relicário com relíquia ótima (que está em Châlons-em-Champagne): o umbigo do menino Jesus; depois que o umbigo caiu, guardaram, virou relíquia e tome milagres!!!

Nas ilustrações a seguir se vê a veste que Maria usava no momento do parto em Belém, venerada na cidade de Aachen (adendo: esta Catedral me parece ser especializada em... roupas, pois lá está o manto que João Batista usava quando foi decapitado, e o pano que cobria os quadris de Cristo enquanto esteve pregado na cruz). Ao lado da foto da "verdadeira" veste de Maria tem a da "verdadeira" coluna em que Cristo foi flagelado no martírio (está na Santa Praxedes de Roma); completando estas ilustrações está, bem à direita, o relicário do fragmento da cruz de Cristo (da Sainte Chapelle de Paris):



*As vestes de Maria em Aachen, a Coluna em Roma, e fragmento da cruz em Paris*

Aproveitando o ensejo dado pelas "coisas" de Maria, tem isso que considero formidável: é o leite dela, com o qual amamentou seu divino Filho (estou deixando de lado as suas lágrimas vertidas nos episódios do martírio e da morte do Filho, para ficar apenas no leite); essa era (e ainda é) das mais cultuadas relíquias da cristandade; a pesquisadora Marina Warner enumera as cidades de Walsingham, Chartres, Gênova, Roma, Veneza, Avignon, Pádua, Aix-em-Provence, Toulon, Paris e Nápoles que têm, em alguma de suas igrejas, um frasco com o "verdadeiro" leite de Maria. Erasmo de Roterdão satirizou isso comentando o "exército de guardiães que ficam esmolando ao lado desses frascos, sequiosos como na Alemanha ficam os cobradores de pedágio nas pontes"; Calvino foi mais além ao afirmar que "... a quantidade de leite é tão grande que se Maria fosse uma vaca teria passado

*a vida inteira na árdua labuta de encher tamanha quantidade de frascos... ". Não é mesmo formidável?!?*

Deixei para o final a jóia da coroa:

uma das mais veneradas relíquias "de primeira classe" (assim são referidas aquelas que foram "do próprio", como um pé, um osso, um chumaço de cabelos, um frasco do seu sangue etc; as "de segunda classe" são as que foram "usadas", como uma roupa, um cajado etc); essa a que me refiro agora é de "primeríssima, pois era de um judeuzinho que foi chamado de Jesus, e que conforme a lei e o costume de sua gente, foi circuncidado no templo no seu décimo dia de vida:



*"A circuncisão do menino Jesus" (anônimo flamengo)*

Pois, amigos, acreditem: na Catedral de Le Puy-em-Velay, no Santuário de Santiago de Compostela, na cidade de Antuérpia, na cidade de Coulombs (pertico de Chartres), na Notre Dame de Chartres, em uma igreja de Besançon, em uma de Newport (Inglaterra), em de Metz, e de Hildesheim, e de Charroux, e de Conques, e de Langres, e de Anvers (onde morreu Van Gogh), e de Fécamp, e de Trent, e de Calcata, e em duas de Auvergne, venerado em relicários de rico labor, se venera o "verdadeiro" prepúcio, arrancado pelo rabino na circuncisão do judeuzinho chamado Jesus.

É o fim!!!

Para controlar essas coisas ou seu disparate, que estão no "border line" do ridículo e do grotesco, criou-se, em 2002, por entidade ecumênica, a "CRR" (a Christian Relic Rescue), cuja finalidade é estudar, uma a uma, as relíquias todas espalhadas pelo mundo cristão (um dos seus mais importantes campos de trabalho debruça-se sobre o "Sudário" de Turin, assunto que, propositadamente, este texto não cogitou). A CRR está acabando com milhares de bobagens. Está difícil. Mas o que está sendo feito está sendo feito com seriedade.

Entretanto, no final do que apresentei, concluo:

que isso é meio gozado isso lá é!

Se não fosse sério!!!